

O GRANDE CIDADÃO

Fábula de aviso e prevenção contra males que nos podem voltar a acontecer em 3 partes de VIRGÍLIO MARTINHO, adaptada do seu romance homónimo.

Publicada em 1976 na colecção «Teatro Vivo». Representada pela 1.^a vez em Março de 1976, pelo Grupo de Teatro de Campolide, numa encenação de Joaquim Benite.

[...]

Várias cenas: parque; sala; quarto; outro quarto interior; palácio; gabinete da polícia; albergue; praça; jardim.

O «Alquimista» é libertado depois de ter passado 20 anos na cadeia. Encontra Benvinda a quem quer abraçar, mas esta diz-lhe que é proibido. O Grande Cidadão dera ordens para que os que não fossem casados mantivessem uma distância regulamentar entre eles. Surge um grupo de indesejáveis, enquadrado pelos milicianos que ostentam cruzes suásticas nas fardas. Os indesejáveis são conduzidos para as câmaras de gaz. «Alquimista» e Benvinda vão a casa da Mamã, a mais velha florista da cidade, e depois para o quarto de Benvinda que, para sobreviver, dorme de vez em quando com um Miliciano. Este entra inesperadamente e o «Alquimista» mata-o. A Mamã é presa, e o «Alquimista» começa a organizar a resistência. A Mamã é interrogada e morta. O «Alquimista» e o seu amigo Heliodoro vão dormir ao albergue nocturno, de Salomão, que a polícia se prepara para invadir. Salomão é ferido. Tenta matar o Homem-Caveira mas acaba por ser preso. Depois de interrogado, Salomão é enforcado. «Alquimista» e Benvinda reencontram-se. Resolvem matar o Homem-Caveira. Depois do atentado, em que aquele é morto, Benvinda abandona o «Alquimista» pois não quer acompanhá-lo à cabana isolada na montanha onde se reúnem os resistentes. Presa por uma patrulha de milicianos, Benvinda denuncia o lugar onde o «Alquimista» se refugiou.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasilia Editora, 1984, pp. 203-204.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqt^a Paula Silva.